

Miauvalismos: entre papas, peste e gatástrofe. Os gatos na Idade Média e as mídias contemporâneas

Meowvalisms: between Popes, plague and cat-astrophe. Cats in the Middle Ages and contemporary media.

Luiz Felipe Anchieta Guerra

Doutorando em História

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

anchietaguerra@gmail.com

Recebido: 05/11/2024

Aprovado: 06/01/2025

Resumo: Durante a média Idade das Trevas, o Papa Gregório IX declarou hereges os gatos através da bula *Vox in Rama*, isto, somado ao já natural preconceito do homem medieval, resultou na perseguição e dizimação de milhões de felinos pela Inquisição. Mas o carma estava por vir e assim que os últimos gatos foram mortos na Europa, a população de ratos aumentou, causando a Peste Negra. Tudo o que está escrito acima é falso. Uma coleção de teorias da conspiração, rumores de internet e *bad history* que, quando confrontada com uma análise historiográfica cuidadosa, não se sustenta. Porém, por mais ridículo que isso possa parecer, essa é uma das histórias mais famosas e difundidas sobre o medieval, presente em blogs, revistas, vídeos no Youtube, etc. Neste artigo pretendemos primeiramente esmiuçar algumas das versões dessa história que são populares no Brasil, tentando distinguir fato de delírio, e também verificar suas afirmações por meio de fontes medievais primárias e secundárias. E segundo, tentar entender os elementos que permitem o estabelecimento e a propagação dessa narrativa.

Palavras-chave: História Medieval; História Pública; Medievalismos

Resumen/Abstract: During the Dark Ages, Pope Gregor IX branded all cats as heretics through the bull *Vox in Rama*, this, added to the already natural prejudice of medieval man, became the persecution and decimation of millions of cats by the Inquisition. However, karma was on its way and as soon as the last cats were killed in Europe, the rat population increased, causing the Black Death. Everything written above is false. A collection of conspiracy theories, internet rumors and *bad history*, which when confronted with careful historiographical analysis does not hold up. However, as ridiculous as this may seem, this is one of the most famous and widespread stories about the medieval period, present in blogs, magazines, videos on YouTube, etc. In this article, we first intend to break down some of the versions of this story that are popular in Brazil, trying to distinguish fact from delusion, and verify their statements through primary and secondary medieval sources. And second, try to understand the elements that allow the establishment and propagation of this narrative.

Palabras clave/Keywords: Medieval History; Public History; Medievalisms

Da adoração divina à adoração da mídia: uma breve história dos gatos

Os gatos exercem um enorme fascínio sobre a humanidade, seu predomínio na cultura pop dos dias atuais é um enorme atestado disso (O'Meara, 2014; Myrick, 2015). Afinal, quem nunca recebeu, produziu ou enviou memes, figurinhas, emojis ou vídeos de gatinhos nas redes sociais? Do Nyan Cat⁷⁰ aos memes da mulher gritando com o gato, pelo menos no campo virtual, os felinos parecem ter finalmente superado os cães como melhores - ou pelo menos os mais populares⁷¹ - amigos do homem⁷².

Mas, essa relação entre humanos e gatos está longe de ser uma novidade. As primeiras interações e domesticações, de que temos evidências, entre felinos e humanos, datam de quase 10 mil anos atrás (Breedlove, 2020; Serpell, 2000). Assim, é comum apontar como, no auge do Egito faraônico, os felinos eram considerados animais muito importantes, com status quase divino (Engels, 2018). A arte Egípcia e a existência de múmias de gatos⁷³, são frequentemente apontadas como evidências disso (Hawass, 2006; Ikram, 2005), bem como a narrativa de Heródoto sobre a Batalha de Pelúcio (525 a.C.), onde soldados persas teriam soltado hordas de gatos contra o exército egípcio que bateu em retirada por medo de ferir os animais (Heródoto, 1977; Dupuy, 1977; Soffer, 2020).

Além disso, desde a antiguidade, comerciantes e marinheiros estavam cientes da importância de terem felinos a bordo de seus navios, como forma de proteger suas mercadorias e estoques de alimentos (Gross, 2020; Ottoni, 2017; O'Connor, 1992). No entanto, essas interações vão além da praticidade ou religiosidade. Nas antigas Grécia e Roma representações artísticas, entre outras fontes, apontam que doninhas frequentemente assumiam o papel de caçador de ratos, mas também mostram que os felinos podiam ser tão importantes para gregos e romanos quanto para muitas pessoas modernas, estando presente em Esopo, Aristóteles e em pinturas de vasos e inscrições (Figura 1). Temos aí, potencialmente, o surgimento da figura do gato como animal de estimação (Blaisdell, 1993; Serpell, 2000; Lonsdale, 1979).

⁷⁰ Nyan Cat é um vídeo do YouTube de 2011, que se tornou um meme. Ao som de uma música pop japonesa o vídeo mostra um gato de desenho animado com um Pop-Tart (doce) no lugar de seu torso voando pelo espaço e deixando uma trilha de arco-íris para trás. O vídeo ficou em quinto lugar na lista dos vídeos mais vistos do YouTube em 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QH2-TGUlWu4> (Meme, 2018).

⁷¹ Para mais informações sobre demografias de populações de gatos domésticos e as possíveis correlações entre vídeos de gatinho e aumento da adoção de felinos, conferir: (Murray, 2010; Workman, 2015)

⁷² Referência à expressão popular “o cachorro é o melhor amigo do homem”

⁷³ Para uma discussão mais profunda sobre os aspectos arqueológicos da mumificação de gatos e outros animais, conferir: (Gaugne, 2018, p. 1-8; Malgora, 2012; Richardin, 2017).

Figura 2 - Base de um Kouros funerário em Atenas. Uma cena de tensão entre cão e gato de estimação. 510-500 a.C.



Fonte: Galeria de Esculturas de Pedra de Atenas, Museu Arqueológico da Grécia, Atenas, Grécia

Os vitorianos, do século XIX, e, principalmente, os ingleses, possuíam uma notória fascinação por seus felinos, que eram admirados por sua beleza, higiene e também por suas ditas “origens divinas” – em grande parte estabelecidas com as expedições napoleônicas ao Egito (1798-1801) e a resultante publicação do livro *Le Description de L'Egypte* (1825). Concursos de beleza (vide figura 2 abaixo), pinturas e até mesmo fotos de gatos vestindo fantasias marcaram uma era de ouro desses “pets” (Kete, 1994; Kean, 2018; Gordon 2017). Mas esse auge só foi possível graças ao surgimento e difusão das noções de direitos dos animais e preservação do meio ambiente, defendidas por célebres nomes da época, como o autor Victor Hugo, que passaram a criticar práticas de vivissecção e tradições sádicas de torturar animais: ‘*Nouveaux venus, laissez la nature tranquille!*’ ‘Recém-chegados, deixem a natureza em paz!’ (Hugo, 1857) (Quandt, 2017; Pocard 1999; Linzey, 2011).

Figura 3 - Concurso de gatos no Palácio de Cristal



Foto: Russell & Sons, Palácio de Cristal, Inglaterra, c.1880. (Simpson, 1903, p. 83).

Apesar de sua boa fama entre o alto escalão da sociedade vitoriana, os felinos já eram, também, tidos como traiçoeiros e vistos com desconfiança por alguns, e frequentemente associados com o ocultismo e com a magia. Além disso, existe uma abundância de registro de práticas sádicas contra os bichanos durante os séculos XVIII e XIX, como atirá-los do alto de torres, ou o infame festival *brûler les chats* – sobre o qual falaremos mais adiante (Allred, 2004; Jean, 1758; Kaibara, 2022). Mas, seriam essas práticas o reflexo de uma desconfiança generalizada? Uma espécie de perseguição aos bichanos? Se sim, quais seriam suas origens?

Gatos, bruxas e Idade Média

Na narrativa amplamente difundida por memes, vídeos do YouTube⁷⁴ e até mesmo revistas de grande circulação: é tudo culpa da Idade Média. Os “nobres” vitorianos teriam apenas restaurado a

⁷⁴ Cabe notar que este texto não é uma crítica pessoal a essas pessoas e nem um ataque a essa modalidade de divulgação do conhecimento. Pelo contrário, reconhecemos a relevância desse tipo de conteúdo e pretendemos aqui, de maneira construtiva, apresentar uma crítica ao conteúdo em questão.

boa imagem dos gatos, arruinada pela “Idade das Trevas” que os associara à bruxaria, dando início a uma perseguição e extermínio de felinos que quase os erradicou da Europa no século XIV, contribuindo para a epidemia da “Peste Negra”. Dito isso, até onde essa história se sustenta?

A própria ideia de uma “Idade das Trevas” é amplamente criticada pelos historiadores, e sabemos que muitos dos “atrasos” atribuídos ao período foram, na verdade, inventados a posteriori por “modernos” que buscavam exaltar seus feitos e invenções (Bishop, 2014; Classen, 2007; Keyser, 2010; Mannix, 1965, pp. 30, 74-75). A chamada Idade Média corresponde a um período extremamente longo, entre 476 e 1492⁷⁵, ou seja, praticamente mil anos de história. Portanto chega a ser absurdo esperar que as coisas ocorram de forma homogênea em todo esse tempo (isso sem levar em conta a vasta extensão geográfica e práticas diversas, que pode muito bem incluir todos os continentes Europeu, Africano e Asiático). Dessa forma, seria mais adequado falar em várias “Idades Médias”. Portanto, classificar algo como essencialmente “medieval” é complexo.

Sendo assim, é possível que indivíduos ou grupos tenham odiado gatos, ou desenvolvido comportamentos sádicos em relação a eles, em algum lugar e momento desse vasto período. Da mesma forma que pode ser considerado “normal”, embora condenável, que isso ainda ocorra nos dias de hoje. A violência contra animais é uma realidade comum. Espancar bichos que não obedeciam comandos e torturá-los por diversão (Ostos, 2017) eram práticas frequentes no Brasil do século passado, mas nem por isso dizemos que o Brasil atual odeia cães ou aves como um todo.

⁷⁵ As referências temporais foram escolhidas aqui de maneira arbitrária, utilizando os marcos das ditas Queda de Roma e a Descoberta da América, de maneira similar aos empregados no ensino Básico. Estamos cientes das profundas discussões sobre essa periodização, bem como sobre os conceitos de Antiguidade Tardia e Primeira Modernidade. Todavia, para os propósitos deste artigo, vamos lidar com a concepção mais difundida do tempo da Idade Média dentro do “senso comum” e não das discussões acadêmicas de ponta.

Figura 4 - "A queima dos gatos", tradição medieval?



Queima de gato

Queima de gato (*brûler les chats*) é exatamente o que parece.

Esse entretenimento francês medieval envolvia gatos suspensos sobre piras de madeira, colocados em gaiolas de vime ou amarrados em mastros de madeira e depois incendiados. Em alguns lugares, *courimauds*, ou caçadores de gatos, encharcavam um gato em líquido inflamável, colocavam fogo nele e depois o perseguiam pela cidade.

As brasas e pedaços de gato carbonizados dessas chamas seriam coletados e levados para casa para dar sorte!

Fonte: Captura de tela do site <https://www.interestly.com/great-cat-massacre-middle-ages/>. Acessado em 22 mai. 2023. Tradução automática do Google

Uma das mais célebres imagens reproduzidas na internet para se falar da “perseguição” dos gatos na Idade Média é a da “queima dos gatos”, vista acima (Figura 3). Descrita em muitos sites e blogs como um exemplo da tradição chamada de *brûler les chats* (Jean, 1758), uma espécie de entretenimento popular sádico medieval. Dito isso, é interessante notar que todos os registros que encontramos dessa prática datam de depois do ano 1600, portanto, estão longe de serem medievais. Isso se aplica, também, ao mais célebre caso de “perseguição” a gatos, narrado pelo historiador Robert Darnton (1986) em seu livro *O Grande Massacre de Gatos*, que trata de um episódio do século XVIII. Nele, apesar de abordar o descontentamento entre operários e burgueses em um episódio específico, Darnton extrapola e afirma que gatos eram um tema recorrente de rituais e de simbolismo popular na França, e que a torturar e matar felinos era parte recorrente de passeatas burlescas (*charivaris*), entre outras festas populares, de acordo com ele, a caça aos gatos nessas situações festivas assemelhava-se a uma caça às bruxas, incluindo a queima ritual em fogueira (Sarandy, 2010).

A tortura de animais, especialmente os gatos, era um divertimento popular em toda a Europa, no início dos Tempos Modernos. [...] Os franceses, no início dos Tempos Modernos, provavelmente usaram mais os gatos, em nível simbólico, do que qualquer outro animal, e usavam-no de maneiras diferentes (Darnton, 1986, p. 121-125).

Vale aqui lembrar que a obra em questão também foi, e é, alvo de duras críticas a respeito de sua deficiência de fontes históricas, bem como certas opções metodológicas (Cerutti, 1998; Levi, 1999, Benedict, 1985; Da Silva Santos, 2022).

Mas voltemos ao *brûler les chats*, descrito na figura (Figura 4) acima como:

Esse entretenimento francês medieval envolvia gatos suspensos sobre piras de madeira, colocados em gaiolas de vime ou pendurados em mastros e depois incendiados. Em alguns lugares, *courimauds*, ou caçadores de gatos, encharcavam um gato em um líquido inflamável, acendiam-no e depois o perseguiam pela cidade. As brasas e pedaços carbonizados de gato dessas chamas seriam recolhidos e levados para casa para dar sorte!

Para além da ausência de fontes que atestem a existência de tal festival dentro de um recorte temporal entendido como “medieval”, é importante apontar que, seja por inocência ou ignorância, a imagem utilizada no site (e em muitos outros blogs e vídeos sobre o tema) é, em si, recortada de forma distorcida, fato que fica evidente quando vista na íntegra (vide Figura 5). Trata-se de uma ilustração em uma página de um manuscrito intitulado: *Ein wahres Probiertes und Pracktisches geschriebenes Feuerbuch* (Um tratado sobre usos de fogo realmente testado e prático) e produzido em 1603, que mostra as supostas aplicações militares de fogo e explosivos durante uma guerra de cerco. Além de diversas instruções sobre como criar projéteis e explosivos, o tratado sugere outros usos “criativos”, incluindo um “pássaro bomba”. Ou seja, a imagem acima representa um gato bomba do século XVII (Fraas, 2013), não muito diferente, em teoria, dos cães antitanque da Segunda Guerra Mundial (Zaloga, 1989, p.43; Mazobep, 1975, Pp. 28, 29, 34; Medvedev, [s.d.]). Não se trata, assim, de uma representação do *brûler les chats*, nem mesmo da Idade Média, sendo uma fonte de 1603.

Figura 5 - Ein wahres Probiertes und Pracktisches geschriebenes Feuerbuch, 1607.



Fonte: Folger Shakespeare Library. fol. 129r. V.b.311

Mas, e as bruxas? Elas estavam sempre acompanhadas de um gato preto e com certeza foram perseguidas e torturadas pela inquisição medieval junto com seus felinos. Além disso a Igreja Católica perseguiu os bichanos desde o início do período medieval, por serem associados a um suposto paganismo. Essa é a narrativa que se encontra disseminada em várias produções midiáticas, desde séries de TV até videogames, mas também é o que nos afirma uma edição de 2018 da Revista Superinteressante, então a maior revista de divulgação científica do Brasil:

A semente para o ódio contra os felinos (...) começou quando o cristianismo teve a ambição de se tornar a única religião da Europa. O Império Romano tinha como política a tolerância religiosa. Mas no século 4, quando o cristianismo se tornou a religião oficial do Império, tudo mudou. **A Igreja Católica Apostólica Romana proibiu cultos pagãos e deu início a séculos de obscurantismo e perseguição, inclusive aos felinos. Em alguns lugares, principalmente nas áreas rurais, mais influenciadas pela pregação cristã, o gato passou a ser associado à má sorte e à bruxaria.** A imagem da deusa céltica Cerridwen, que usava capas, fazia poções em caldeirões e se metamorfoseava em felinos, se tornava um arquétipo do mal. (Superinteressante, edição 369, grifo nosso)

Qualquer historiador minimamente familiarizado com a produção sobre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média já conseguiria, de relance, listar uma infinidade de problemas com a citação acima. A própria linha cronológica proposta pela revista parece ser minimamente incongruente, sem contar a insistência em associar a Idade Média a uma Idade das Trevas de obscurantismo e perseguições. Nele podemos observar, novamente, a ideia de um período medieval monolítico e Católico, dominado pela irracionalidade e por uma Igreja absoluta. Para além dos pormenores, como, por exemplo, o uso discutível do termo culto, a reportagem reafirma não só um estereótipo terrível de uma Idade das Trevas, como também, de maneira ambivalente, constrói uma narrativa mística de resistência e permanência. Narrativa essa que tem sido muito profícua por meio de obras como *O Calibã e a Bruxa* (2023)⁷⁶, que defendem uma associação entre a figura da bruxa e uma luta de resistência, e que, embora se apresentem com roupagens medievais, acaba sendo um reflexo muito mais direto dos tempos contemporâneos.

Para começar, a associação direta de bruxas com a inquisição é por si só problemática, e um lugar-comum do tradicional discurso de uma Idade das Trevas. A própria Inquisição, embora de origens realmente medievais (Fontoura, 2017), viveu seu auge na Idade Moderna (Schultz, 2014), e as grandes condenações e execuções do período chamado de “caça às bruxas” (*witch hunt/witch craze*) ocorreram nos séculos XVII e XVIII – inclusive, em grande número, em regiões protestantes, como no caso de Salém, nos EUA em 1692 (Kors, Peters, 2001; Roper, 2004).

Além disso, a associação de feitiçaria com animais vem de longa data - em Homero, a feiticeira Circe transforma seus convidados em porcos -, assim não é surpresa alguma que vários manuais e tratados inquisitoriais relacionem os acusados (principalmente as mulheres) com atribuições animais, ou com a prática de possuírem os chamados “familiares” (Hutton, 2017; Sax, 2009).

⁷⁶ Vale mencionar aqui, que essa obra, embora um verdadeiro *best seller* é alvo de diversas críticas por outros pesquisadores do tema como Purkiss (2003, 2013) e Kallestrup (2013), por sua suposta falta de embasamento histórico.

Apesar disso, o gato é apenas um dos animais utilizados, juntamente com as serpentes, os cachorros, os bodes e até mesmo os camelos (como descrito no romance *O Diabo Enamorado* de 1772). Mauss (2003, p.72) aponta essa abundância de espécies:

a antiga *strix*, é uma feiticeira e uma ave. Depara-se com a feiticeira fora de casa sob a forma de gato preto, de loba, de lebre, com o feiticeiro sob a forma de bode etc. quando o feiticeiro ou a feiticeira deslocam-se para causar dano, eles o fazem sob sua forma animal, e é nesse estado que se pretende surpreendê-los. [...] As feiticeiras europeias, em suas metamorfoses, não assumem indiferentemente todas as formas animais. Elas se transformam regularmente, uma em jumento, outra em rã, outra ainda em gato etc.

Um dos mais exemplares e antigos casos de gatos em julgamentos por bruxaria data de 1566, com a execução de Agnes Waterhouse, a primeira mulher condenada por bruxaria na Inglaterra, e, obviamente, não possui relação alguma com a Inquisição. Durante seu julgamento, Agnes confessou a prática de feitiçaria e possuir um gato chamado Satã, com o qual ela se comunicava, e que teria pertencido anteriormente a outra acusada: Elizabeth Francis. Esse caso inspirou diversos panfletos, e outras obras, focados na figura do “familiar” (Sharpe, 2021; Parish, 2019): o gato, e com isso é provavelmente um dos responsáveis pela forte associação entre gatos e bruxas que foi formada a partir no século XVII (Torrey, 2022). Elemento esse que foi explorado a fundo e se tornou verdadeiramente “pop” com a ascensão de formas de literatura barata do século XIX⁷⁷, que possuíam um interesse particular por histórias de crime e ocultismo (Dunae, 1979). Assim, os vitorianos talvez tenham lutado para “reabilitar” a figura do gato de um estereótipo que os próprios modernos foram responsáveis por difundir.

Papas, peste e gatástrofe

E a tal história do papa e da Peste? Essa parece ser uma narrativa bem popular no mundo dos memes e da internet. Igualmente, nas mídias mais “tradicionais”, retornando ao texto da Revista Superinteressante, o “auge” do obscurantismo medieval em relação aos felinos teria ocorrido no período que antecede a pandemia da chamada Peste Negra⁷⁸.

⁷⁷ Inclusos aqui estão os célebres *Penny Dreadfuls*, mas também outras formas de literatura popular do período. Ver: Vaninskaya (2011).

⁷⁸ “Peste Negra” é nome tipicamente empregado para se referir à manifestação do século XIV de uma doença causada pela bactéria *Yersinia pestis*, geralmente transmitida pela pulga do rato, *Xenopsylla cheopis*. Quando a doença sai do seu ambiente natural, é geralmente, embora não exclusivamente, espalhada pela ação conjunta das pulgas e do rato preto, *Rattus rattus* (Borsch, 2005). Todavia, o termo “Peste Negra” foi cunhado apenas em 1832, pelo historiador da medicina Justus Friedrich Carl Hecker, que definiu o tom emocional “gótico” dessa epidemiologia histórica. Essa abordagem destaca a Peste Negra

(...) a coisa ficaria feia para o lado deles [os gatos] a partir de 1233. **No dia 13 de junho, o Papa Gregório 9º publicou a bula *Vox in Rama*, que associava o gato a Satã. Milhões de animais foram torturados e queimados na fogueira, junto com centenas de milhares de mulheres acusadas de serem bruxas.** A radicalização pretendia eliminar de vez os cultos pagãos que ainda existiam. E também foi uma **reação a um culto relativamente novo que a Igreja não bicava: o Islã, que amava os gatos.** Maomé teve até uma gata malhada de estimação chamada Muezza, talvez uma angorá ou abissínia. (Superinteressante, edição 369, grifo nosso)

Desconsideremos os pequenos detalhes como os usos inadequados dos termos culto e pagão, e foquemos na narrativa principal. Ainda assim, essa história é repleta de problemas. O primeiro deles, e talvez o mais importante, é a ausência de evidências arqueológicas que sustentem a existência desse massacre, bem como a falta de registros históricos contemporâneos de tal episódio. Um extermínio na casa dos milhões, capaz de impactar significativamente o ecossistema de todo um continente, por certo deixaria vestígios materiais. Afinal, a arqueologia e paleontologia são capazes de analisar e registrar grandes flutuações em populações animais como, por exemplo, as causadas pela caça predatória, desde o neolítico até o século XIX (Dewar, 2006; Albarella, 1997; Martin, 2022; Biginagwa, 2012).

Nenhum número de maciço de esqueletos felinos encontrados, nenhuma crônica do período relatando o ocorrido, nem mesmo ilustrações ou pinturas. Aliás, a pouca discussão arqueológica que temos sobre sepultamentos em massa de gatos na Idade Média apontam, justamente, o quão atípico eles são, como Rosemary Luff e Marta Gacia (1995) reforçam no caso da descoberta, em Cambridge, de 79 esqueletos datados do século XIII. Ou seja, se esse genocídio medieval de gatos de fato ocorreu ele seria, essencialmente, um “crime perfeito”, sem provas.

Se hoje, em tempos de viagens espaciais, bombas atômicas e mensagens virtuais instantâneas, nós somos incapazes de erradicar simples pestes urbanas como pombos, ratos ou mosquitos, ou mesmo de convencer uma significativa parcela da sociedade a usar máscaras em uma pandemia, nos parece improvável que os medievais não só foram capazes de quase erradicar os gatos em toda a

como um fenômeno histórico distinto, separado de outros surtos de peste, e é abertamente eurocêntrico e orientalista no seu teor (Varlik, 2021). Wim Blockmans e Peter Hoppenbrouwers (2002) também apontam este eurocentrismo e questionam as dimensões e impactos atribuídos à peste, bem como apresentam a hipótese de Samuel Cohn (2002) de que a peste não seria causada pela bactéria *Yersinia*. Tentar provar que esse patógeno foi a causa da pandemia tem sido uma busca desde o século XIX, vide: Prentice, Gilbert, Cooper (2004); Duncan, Scott (2005); Spyrou, et al. (2016); Bos, et al. (2011).

Como aponta J. L. Bolton (2013), nas últimas décadas centenas de artigos sobre a peste foram publicados em revistas científicas. O problema é como integrar estas novas descobertas científicas com o conhecimento histórico adquirido sobre as causas e consequências da peste que chegou à Europa em 1347. Os argumentos são tão sólidos quanto as evidências em que se baseiam e, por mais difícil que seja, avaliar a evidência microbiológica tem de ser, neste caso, uma das competências do historiador. Infelizmente, “a maioria dos cientistas não são bons historiadores e a maioria dos historiadores são cientistas ainda piores”.

Europa (em um intervalo de menos de 100 anos), como também de apagar todos as provas desse crime. Se os vestígios de uma perseguição sistêmica aos felinos são escassos, o mesmo não pode ser dito da evidência contrária. Existem, por todo o medievo, indicações não só da domesticação frequente dos bichanos como de sua importância social. De ilustrações de freiras brincando com gatos, poemas dedicados a um animal de estimação, até leis exigindo sua presença em barcos, como veremos adiante.

Mas a Revista Superinteressante não está sozinha ao propor essa narrativa. Pelo contrário, essa versão pode ser facilmente encontrada em sites, blogs e memes. Dentre suas muitas fontes, cabe destacar os dois vídeos de vasto alcance no YouTube que citamos anteriormente (nota 4): um do canal MBM, narrado por Miguel Falabella, de 4 de mai. 2020, e o outro “A história dos Gatos” de Débora Aladim em 22 de mar. 2017 – esse segundo atualmente consta com 207.975 visualizações. Ambos os vídeos narram, grosso-modo, a mesma história e, assim como a Superinteressante, citam como fonte a “bula” *Vox in Rama*.

O documento *Vox in Rama* de fato existe e teria sido publicado entre 1232-1234, porém, isso é tudo que há de “averiguável” nessa história. Infelizmente não há nenhum exemplar medieval sobrevivente desse documento, tudo que temos são cópias dos séculos seguintes, embora nenhum dos historiadores e pesquisadores que tratam desse documento questionem sua autenticidade (Hergemöller, 2007; Tremp, 2008). Entretanto, o documento que, de acordo com a Superinteressante, deveria conter uma expressa ordem papal para o extermínio dos gatos ou algo semelhante, não possui nada do tipo.

O documento contém cerca de 3 páginas, em sua versão transcrita, escritas em latim, e descreve um grupo de hereges chamados “luciferianos” e suas cerimônias, que incluem muitos dos clichês frequentemente encontrados nos discursos medievais sobre práticas heréticas (Zerner, 2011). Entre elas estão banquetes em homenagem ao demônio, visões de um sapo gigante, iniciados beijando um homem pálido e uma estátua de um gato preto ganhando vida e falando. E nada mais. Em 3 páginas, e cerca de 1200 palavras, o termo “gato” aparece apenas 3 vezes, todas as três na mesma frase. Em momento algum a bula relaciona gatos, de forma geral, ou mesmo gatos pretos, com o demônio, e muito menos ordena que sejam exterminados. Não há indícios de que este documento, emitido localmente na área de Mainz, fosse sequer conhecido em outros lugares (Hergemöller, 2007), e, como vimos, definitivamente não há evidência alguma que tal massacre tenha acontecido.

Por fim, segundo a lógica proposta nessa versão, se a Peste fosse um resultado direto do suposto massacre de gatos, seria de se esperar que ela se limitasse, ou, pelo menos, fosse mais intensa,

nos lugares onde tal massacre teria ocorrido. Sendo fruto das palavras de um Papa, é de se esperar que ele tenha acontecido dentro das regiões de fé Católica majoritária. Assim, conforme essas premissas, todo o mundo para além da Europa estaria mais protegido da peste por não terem massacrado suas populações de felinos. Certo?

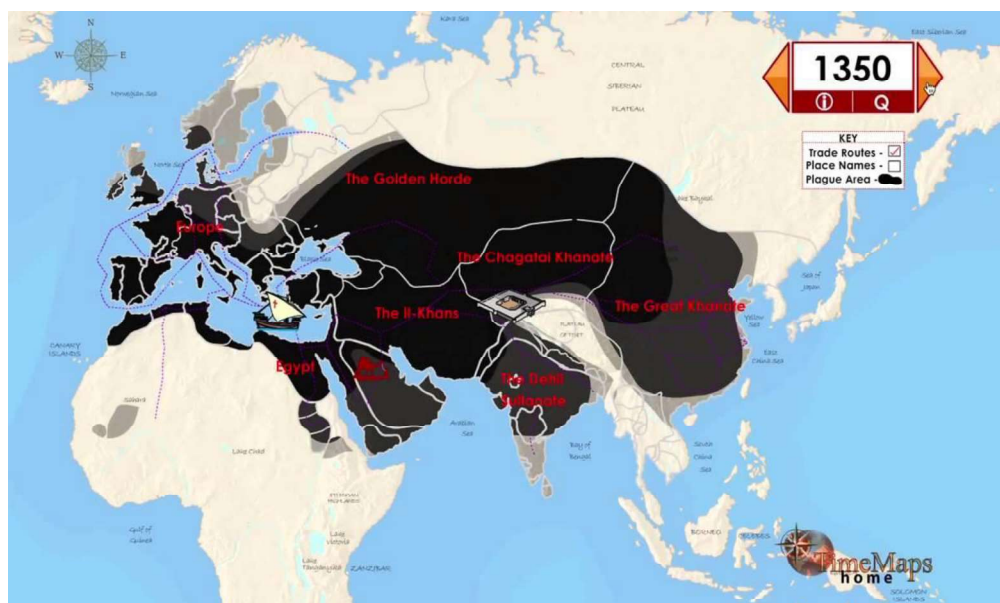
Agora vamos aos dados. A Grande Peste – que é o termo mais utilizado na época em vez de “Peste Negra” (Byrne, 2004) – foi uma pandemia de peste bubônica que ocorreu entre 1346 e 1353, e que resultou na morte de algo entre 70 e 200 milhões de pessoas ao redor do mundo. (Green, Symes, 2015). Já temos aqui nosso primeiro problema, a terminologia: “pandemia”. A definição de pandemia é uma epidemia com ampla extensão geográfica, imunidade populacional mínima, novidade e gravidade como os fatores mais importantes (Morens, Folkers, Fauci, 2009).

Temos aqui um impasse. Os lugares além da influência papal, como os territórios do Islã (que supostamente amava gatos, de acordo com a Superinteressante) ou a China (onde eles são até hoje símbolo de boa sorte, também de acordo com a Revista) estão dentre as regiões mais afetadas pela doença. De acordo com Little (2011, p. 271):

A Peste Negra [é] um termo que muitos historiadores restringem à mortalidade em massa em toda a Europa entre 1347 e 1353, mas é melhor entendida como uma pandemia que começou na Ásia Central na década de 1330, posteriormente se espalhou pela Europa e Oriente Médio a partir do final 1340, e fez retornos frequentes nessas regiões por mais de quatro séculos.

Em outras palavras, a Peste não só teve início fora da Europa, em regiões onde gatos não teriam sido perseguidos, como também marcou constante presença nessas regiões.

Figura 6 - Mapa da pandemia de Peste Negra em seu “auge” de 1350.



Disponível em <https://timemaps.com/>. Acessado em: 24 mai. 2023

Observando o mapa acima, fica claro como toda essa correlação entre Peste, Papa, Igreja e gatos é, além de infundada, insustentável de um ponto de vista prático. É claro que a Idade Média viu seus episódios macabros de torturas e mortes de animais, e é claro que o fanatismo religioso resultou em perseguições e preconceito, mas até que ponto isso é diferente do que vemos hoje (Mazobep, 1975; Caravaca-Llamas, 2022)? Utilizando novamente a terminologia das epidemias, talvez o problema com os gatos sejam questões muito mais “endêmicas” (restrita a locais e episódios isolados) do que “pandêmicas” ao longo da História.

O Gato medieval de acordo com os “medievais”:

Vimos até agora, como diversos dos estereótipos sobre gatos atribuídos ao medievo podem ser traçados a períodos posteriores, como a Idade Moderna ou até mesmo a Contemporaneidade. Mas, o que se sabe, realmente, sobre os felinos na Idade Média? Como eles eram vistos pela sociedade? E pela Igreja? Como dito antes, é difícil falar de uma única Idade Média, mas vamos agora tentar compilar alguns exemplos de felinos durante esse milênio, de diferentes regiões, para tentar termos uma ideia melhor de seu papel.

Mesmo no período moderno, quando a Inquisição viu seu auge na Europa, a Igreja Católica nunca teve uma postura anti-felina ou de preconceito generalizado contra os bichanos. Inclusive algumas figuras do alto escalão do clero ficaram conhecidas por sua predileção por gatos, como é o caso do Cardeal Wolsey (1573-1530) conhecido por estar sempre acompanhado de seu gato. Mas muito antes disso, antes mesmo de uma Igreja fortemente estruturada, gatos e monges já possuíam uma relação próxima.

Figura 7 - Gatos caçando ratos e ratos comendo hóstias, no Bestiário de Salisbury, cerca de 1230.



Fonte: Harley MS 4751, f. 30v.

Não é nenhum salto lógico imaginar que mosteiros, abadias e conventos eram um terreno propício para ratos, que frequentemente atacavam estoques de hóstias e podiam causar prejuízos irreparáveis aos livros e rolos de pergaminho contidos nas bibliotecas e *scriptoriums*. E se existe uma

atribuição constante na história dos felinos, ela seria o fato de que eles são eficientes em matar ratos, coisa que o próprio Isidoro de Sevilha já descreve em sua *Etymologiae*, no século VII (Gross, 2020; O'connor, 1992; Allred, 2005).

Dessa forma gatos eram figuras comuns nesses ambientes por vezes serviam, também, de companhia para os religiosos que ali viviam. Essa relação “profissional” é bem documentada com gatos frequentemente desenhados em manuscritos caçando ratos. Um dos exemplos mais antigos desses registros está no Livro de Kells, uma cópia ilustrada dos Evangelhos feita no século IX, que contém naquela que é, provavelmente, sua página mais importante e detalhada: o *monograma christi* (abreviatura do nome de Cristo), uma cena de ratos roubando hóstias enquanto são observados por dois gatos.

Figura 8- Gatos observam enquanto os ratos comem a hóstia no Livro de Kells, século IX.



Fonte: TCD MS 58, f. 14r

Assim, fica difícil conceber uma Igreja que despreze e persiga os gatos de maneira generalizada, mas, ao mesmo tempo, preenche seus manuscritos religiosos com ilustrações deles, inclusive dentro das iniciais de seu próprio messias. Os registros dessa proximidade entre monges, freiras e gatos não se limitam apenas a sua utilidade “prática”. Um bom exemplo disso é o caso do poema *Pangur Ban* (século IX), dedicado por um monge a seu fiel parceiro o gato branco (*ban*) chamado Pangur. Além disso, outras iluminuras mostram religiosos interagindo diretamente e brincando com os felinos, como no caso da imagem abaixo (Porck, 2013).

Figura 9 - Freira usa um novelo de linha para brincar com gato. Livro de Horas de Maastricht, Holanda, 1320.



Fonte: Stowe MS 17, f. 34r

Mas a Idade Média se estende para muito além do clero, e os gatos também. Seu papel como “caça-ratos” era fundamental em outros ambientes mais seculares, como castelos, fazendas, estabelecimentos comerciais e até mesmo cidades. Como afirma Keith Thomas (1998, p. 131):

Na Idade Média, eles eram criados em casa, para combater ratos e camundongos. É bem ocasional que apareçam como companheiros e objetos de afeição [...]. Muitos chefes de família eximiam-se deliberadamente de alimentá-los, de modo a garantir que tivessem um incentivo para caçar. [...] No entanto, ao começar o período Stuart [século XVII] já eram numerosos os amigos dos gatos.

Essa função podia ser “oficial” e até mandatária, como no caso dos gatos de navio, que já mencionamos, que não só eram comuns no mundo medieval, como também se tornaram parte de mecanismos jurídicos em alguns lugares. Na Inglaterra do século XIII, felinos possuíam um certo status legal em contextos navais, pois de acordo com a lei-de-naufrágios de Eduardo I, no primeiro Estatuto de Westminster, se um homem, **gato** ou cachorro escapasse com vida de um navio, aquele naufrágio não poderia ser reivindicado por quem o encontrasse, ficando assim assegurado a seu

proprietário (Melikan, 1990; Palmer, 1843; Cressy, 2020). Já pela legislação catalã, no *Llibre del Consolat de Mar* (1320-1330), caso o proprietário de um navio não mantivesse um gato a bordo, ele deveria pagar compensações a sua tripulação, além de ser responsável por todos os danos causados caso o navio fosse comprovadamente *gastat per rate* [infestado por ratos]. A única exceção seria caso ele pudesse comprovar que um gato estava presente ao zarpar, mas morreu durante a viagem, devendo ele adquirir um felino substituto no próximo porto (Vallejo, 2018, P. 113; Hughes, 2011).

Consequentemente, não é de se surpreender que essa valorização “funcional” dos gatos também tenha, de maneira similar ao caso dos monges, resultado em uma maior aproximação entre homens e felinos e sua valorização como animal de estimação (Walker-Meikle, 2008; Serpell, 2000). Inclusive, diferentemente dos cães que foram alterados desde a Antiguidade, foi durante a Idade Média que as primeiras raças de gato doméstico começaram a ser formadas (Gross, 2020), o que pode indicar o surgimento de um maior apego pela estética dos bichanos.

Conclusão: entre miauvalismos e *bad history*

Como vimos, diferentemente do que alguns memes, vídeos e revistas afirmam, os gatos eram figuras comuns do cotidiano medieval, e com podiam desenvolver com seus “donos” relações que iam além do mero utilitarismo. A Idade Média não os odiava, e os medievais estavam longe de ser as criaturas atrasadas e ignorantes que muitas vezes são taxados como.

Neste artigo, tentamos cobrir os principais pontos dessa versão histórica amplamente divulgada sobre gatos, tentando confrontar seus principais argumentos com documentação e pesquisa pertinentes ao tema. Como era esperado, essa história alternativa, um verdadeiro “passado paralelo” (Rocha; Guerra, 2021), não resiste a um escrutínio mais rigoroso. Temos aqui um curioso caso de um fenômeno similar ao negacionismo, mas que é diametralmente oposto: ao invés de se negar algo, cria-se uma série de fatos que são reproduzidos à exaustão até adquirirem, em alguma medida, um verniz de verdade. Uma verdadeira *fake news* histórica, algo que se encaixa perfeitamente no conceito de *Bad History*, como proposto por Andrew Elliott (2021). Uma produção de história, essencialmente problemática e fora dos padrões do estabelecimento acadêmico, mas que ainda assim com pretensões “científicas”, tentando fundamentar suas afirmações de maneira anedótica, não muito diferente do que vemos com outras iniciativas revisionistas como por exemplo o *Brasil Paralelo* (Balestro; Pereira, 2020).

Está longe de ser a primeira vez que algum historiador se debruça sobre temas dos usos e desusos do período medieval. Nos resta então a pergunta: por que essa narrativa segue tão popular? E

muitas vezes reproduzida por indivíduos e instituições que supostamente tem um compromisso com a divulgação científica: historiadores, grupos editoriais, etc.? Obviamente a resposta para esses questionamentos não cabe nas páginas deste texto, mas existem elementos que podemos aqui elencar brevemente.

Primeiro, temos a natureza típica dos revisionismos, ou *bad history*, que se esforçam para listar nomes e documentos, como é o caso da bula *Vox in Rama* e o papa Gregório IX, esse verniz historiográfico, embora oco, adiciona um certo peso à narrativa, tornando mais crível. Isso vale para além da audiência, os criadores de conteúdo, inseridos dentro de uma lógica produtivista, muitas vezes negligenciam a curadoria de seus “fatos históricos”, assim, uma narrativa com elementos aparentemente acadêmicos torna-se atrativa e acaba sendo comprada e reproduzida *at face value*.

Em segundo, temos o fato de a Idade Média, por razões que já apontamos no início desse artigo, acabar sendo um terreno fértil para todo tipo de revisionismos e interpretações “criativas” do passado. Esse período vasto e longo ocupa um lugar especial dentre os interesses populares atuais: um lugar onde o terrível e o fantástico coexistem (Biddick, 1998). Dentro dessa lógica, do fenômeno que os acadêmicos intitularam de medievalismo (Matthews, 2015, Utz, 2017), a Idade Média pode ser preenchida pelas mais diversas narrativas, possuindo uma suspensão de descrença [*suspension of disbelief*] maior do que outros períodos históricos. Em outras palavras, nossa sociedade tende a ser mais flexível quanto ao que acredita sobre o período medieval, e assim ele é mais propício a esse tipo de narrativas. Embora o melhor exemplo “documentado” de um massacre de gatos seja o narrado por Robert Darton (1986) e ocorrido no século XVII, é sintomático que essa perseguição vem sempre associada e atribuída a um certo medieval. Não muito diferente do que acontece com o fenômeno da caça às bruxas: essencialmente moderno, mas cristalizado como medieval na cultura pop. É desse conceito que se origina o infame trocadilho no título deste artigo.

A esse segundo ponto e adiciona também, um outro elemento: a convergência narrativa. Embora os acadêmicos lutem para desmitificar o período, e alguns apologistas extremistas tentem exaltá-lo como utópico, o medieval segue, na percepção dominante, como a *Idade das Trevas*. Esse medievalismo retrata o período como um tempo de retrocessos e obscurantismo. A narrativa de um extermínio em massa de inocentes gatinhos, por uma maléfica e obtusa igreja, portanto cai como uma luva. E uma dimensão extra de compatibilidade vem a popular associação, atual, de gatos com o divino e o místico, elementos que seriam perseguidos pelo fanatismo medieval.

Em terceiro, temos a dimensão da História Pública e Educação. Tema esse muito explorado nos dias de hoje, mas que segue sendo cada vez mais vital. É notado no campo da medievística um grande descompasso entre a produção acadêmica e o conteúdo que efetivamente chega em sala de aula (Birro, Boy, 2020; Bovo, Vieira, 2020). As iniciativas de divulgação científica e atuação pública por parte de historiadores não são poucas, mas cabe aqui questionar sua efetividade. É preciso se questionar sobre quem é o público da história pública, quem de fato consome os múltiplos *podcasts* acadêmicos que se tornaram populares na universidade? Pesquisas sobre a demografia dessas produções apontam num sentido não tão otimista: os canais acadêmicos – como o da FAPESP – são alguns dos que mais produzem faixas, mas essa quantidade está longe de ser refletida em números de audiência (Da Silva, Dos Santos, 2020; Carvalho, 2020). E vale lembrar que, de certa forma, conteúdos como os vídeos de Débora Aladim e Miguel Fallabela, anteriormente mencionados, não deixam de ser iniciativas de divulgação do conhecimento, longe de serem tentativas mal-intencionadas de revisionismo/negacionismo. De certa forma, eles são também história pública, história ruim pública, mas ainda assim história pública.

Vimos como esse *miauvalismo*, não só não se sustenta em termos de documentação, como também possuímos indicativos o suficiente para propor uma tese quase oposta. Infelizmente, o nosso objetivo aqui não é trazer soluções, mas sim ilustrar como algo tão inócuo quanto memes de gatinho podem levar, não só a um exercício historiográfico interessante, como também a um exemplo claro do problema com a forma de produção de conteúdo dito “histórico”. Para se produzir boa história, e não *bad history*, é necessário rigor e método, esforço e pesquisa, e, acima de tudo, de uma constante checagem de afirmações terceiras. Infelizmente essas etapas levam tempo, tempo e esforço, o que muitas vezes acaba sendo de difícil conciliação com a realidade do mercado de produção de conteúdo. A natureza das mídias digitais exige frequência e velocidade, e, muitas vezes, dificulta um aprofundamento maior nos temas, estimulando os criadores de conteúdo a buscarem bibliografias rápidas e rasas (e potencialmente ruins). Afinal, qualquer pesquisador está sujeito a falhas, principalmente ao lidar com dinâmicas (as redes sociais, por exemplo) completamente diferentes daquelas que aprendemos durante nossa formação, e com temas que não são de nossa expertise.

Novamente reafirmo, este artigo não é um ataque aos criadores de conteúdo, pelo contrário, é uma reafirmação da necessidade de se estabelecer um contato maior com eles, ao invés de promover um ostracismo. Afinal, a história em suas especificidades, como vimos aqui no caso dos gatinhos, é

interessante demais para ser confinada a apenas mais um artigo acadêmico (de baixa circulação) com um título infame.

Referências bibliográficas

- ALADIM, Débora. A HISTÓRIA DOS GATOS. 22 de mar. de 2017 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pQJXDC1t67k>. Acesso em: 22 maio. 2023.
- ALBARELLA, Umberto. Size, power, wool and veal: zooarchaeological evidence for late medieval innovations. *Environment and subsistence in medieval Europe*, v. 9, p. 19-31, 1997.
- ALLRED, Alexandra Powe. *Cats' Most Wanted: The Top 10 Book Of Mysterious Mousers, Talented Tabbies And Feline Oddities*. Potomac Books, 2005, p. 234.
- BALESTRO, Mayara; PEREIRA, E. **Brasil Paralelo: atuação, dinâmica e operação: a serviço da extrema-direita (2016-2020)**. Nova Direita, Bolsonarismo e Fascismo: reflexões sobre o Brasil. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2020, p. 326-354.
- BENEDICT, Philip. Robert Darnton e il Massacro dei Gatti: storia interpretativa o storia quantitativa? *Quaderni storici – nuova serie*, Vol. 20, No 58 (1), L'America arriva in Italia (aprile 1985), p. 257-269.
- BIDDICK, Kathleen. *The shock of medievalism*. Duke University Press, 1998.
- BIGINAGWA, Thomas John. *Historical archaeology of the 19th century caravan trade in north-eastern Tanzania: a zooarchaeological perspective*. 2012. Tese de Doutorado. University of York.
- BIRRO, Renan Marques; BOY, Renato Viana. *Ensino de História Medieval e História Pública: desafios atuais em formato de apresentação*. Ensino de História Medieval e História Pública. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UERJ, 2020.
- BISHOP, Chris. The 'pear of anguish': Truth, torture and dark medievalism. *International journal of cultural studies*, v. 17, n. 6, p. 591-602, 2014.
- BLAISDELL, John D. "A Most Convenient Relationship: The Rise of the Cat as a Valued Companion Animal." *Between the Species* 9.4 (1993): 8.
- BLOCKMANS, Wim; HOPPENBROUWERS, Peter. **Introduction to medieval Europe 300–1500**. Routledge, 2002.
- BORSCH, Stuart J. **The Black Death in Egypt and England: a comparative study**. University of Texas Press, 2005.
- BOS, Kirsten I. et al. A draft genome of *Yersinia pestis* from victims of the Black Death. **Nature**, v. 478, n. 7370
- BOVO, Cláudia; VIEIRA, Lucas Martins. A AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA NO ENSINO DE TEMPORALIDADES RECUADAS: UM ESTUDO DE CASO NA EDUCAÇÃO BÁSICA DE UBERABA-MG. *Revista Outras Fronteiras*, v. 5, n. 2, p. 133-142, 2018.

- BREEDLOVE, Byron, and Jana Igunma. "In Consideration of Our Mutual Relationship with Cats." *Emerging Infectious Diseases* 26.12 (2020): 3108.
- BYRNE, Joseph Patrick. *The black death*. Greenwood Publishing Group, 2004.
- CARAVACA-LLAMAS, C. La violencia hacia las mascotas como indicador en la violencia de género. **Tabula Rasa**, v. 41, p. 269-86, mar. 2022.
- CARVALHO, Amanda Schmidt. Podcast como ferramenta de divulgação científica: um estudo de casos comparados. Trabalho de conclusão de curso, 2020.
- CERUTTI, Simona. Processo e experiência: indivíduos, grupos e identidades em Turim no século XVII. In: REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 1998, p. 173-201.
- CIDADE DO VATICANO, Arquivos secreto do Vaticano, Registra Vaticana 17, fol. 53-55, c. 177. Disponível em: <http://telma-chartes.irht.cnrs.fr/aposcripta/notice-acte/26666>. Acessado em 22 mai. 2023.
- CLASSEN, Albrecht. *The medieval chastity belt: a myth-making process*. Springer, 2007.
- COHN, Sam. **The Black Death transformed: disease and culture in early Renaissance Europe**. Arnold, 2002.
- CRESSY, David. *Shipwrecks and the Bounty of the Sea*. Oxford University Press, 2022.
- DA SILVA SANTOS, Rosenilson. Darnton, Benedict e Levi em desacordo e a grande discussão em torno d' O Grande Massacre De Gatos. *História e Cultura*, v. 11, n. 2, p. 38-55, 2022.
- DA SILVA, Sérgio Pinheiro; DOS SANTOS, Régis Salvarani. O que faz sucesso em podcast?. *Radiofonias—Revista de Estudos em Mídia Sonora*, v. 11, n. 1, 2020.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Graal, 1986.
- DEWAR, Genevieve et al. Implications of a mass kill site of springbok (*Antidorcas marsupialis*) in South Africa: hunting practices, gender relations, and sharing in the Later Stone Age. *Journal of Archaeological Science*, v. 33, n. 9, p. 1266-1275, 2006.
- DUNAE, Patrick A. Penny Dreadfuls: Late Nineteenth-Century Boys' Literature and Crime. *Victorian Studies*, v. 22, n. 2, p. 133-150, 1979.
- DUNCAN, Christopher John; SCOTT, Susan. What caused the black death?. **Postgraduate medical journal**, v. 81, n. 955, p. 315-320, 2005.
- DUPUY, R. Ernest, and Trevor N. Dupuy. *The Encyclopedia of Military History from 3500 BC. to the present*. New York: Harper and Row, 1977.
- ELLIOTT, Andrew. 'Bad History and Contemporary Medievalism'. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0fWx4V1i0ps>. Acesso em 23 mai. 2023.
- ENGELS, Donald W. *Classical cats: the rise and fall of the sacred cat*. Routledge, 2018.
- FALABELLA, Miguel. EXTERMÍNIO DE GATOS NA IDADE MÉDIA. 4 de mai. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-vpgwuGTpCc>. Acesso em: 22 maio. 2023.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2023.

- FONTOURA, Odir. A Inquisição como Instituição na Idade Média. *Brathair-revista de estudos celtas e germânicos*, v. 17, n. 1, 2017.
- FRAAS, Arthur Mitchell. "A Rocket Cat? Early Modern Explosives Treatises at Penn." (2013).
- GAGE, Matilda. *Woman, Church & State*. Litres, 2018.
- GAUGNE, Ronan et al. A digital introspection of a mummy cat. In: 2018 3rd Digital Heritage International Congress (DigitalHERITAGE) held jointly with 2018 24th International Conference on Virtual Systems & Multimedia (VSMM 2018). IEEE, 2018. p. 1-8.
- GORDON, Rebecca. From pests to pets: social and cultural perceptions of animals in post-medieval urban centres in England (AD1500–1900). **Papers from the Institute of Archaeology**, v. 27, n. 1, 2017.
- GREEN, Monica H.; SYMES, Carol. Pandemic disease in the medieval world: rethinking the black death. Arc Humanities Press, 2015.
- GROSS, Michael. "Of mice and men, cats and grains." (2020): R783-R786.
- GROSS, Michael. Of mice and men, cats and grains. 2020.
- HAWASS, Zahi A. et al. Beloved beasts: animal mummies from ancient Egypt. American Univ in Cairo Press, 2006.
- HERGEMÖLLER, Bernd-Ulrich. Vox in Rama: Die Dämonisierung des schwarzen Katers. Eine seltsame Gefährtin: Katzen, Religion, Theologie und Theologen, p. 149-176, 2007.
- HERÓDOTO. The Histories. Suffolk, England: Penguin Books, 1975.
- HUGHES, Robert. Barcelona. Vintage, 2011.
- HUGO, Victor. 'Le Cèdre'. In: *La légende des siècles*. Typ. P. Mouillot, 1857
- HUTTON, Ronald. The witch: a history of fear, from ancient times to the present. Yale University Press, 2017.
- IKRAM, Salima. The loved ones: egyptian animal mummies as cultural and environmental indicators. In: Proceedings of the Sixth International Symposium on the Archaeozoology of Southwestern Asia and Adjacent Areas. 2005. p. 240.
- JEAN, François, 1758. *Dissertation sur l'ancien usage des feux de la Saint-Jean, et d'y brûler les chats à Metz*, un inédit de dom Jean François In: Cahiers Élie Fleur no 11, édité par Marie-Claire Mangin, 1995, p. 49-72
- KAIBARA, Tomohiro. Moncrif, historien des chats: Masculinité et émotion dans la France des Lumières. Clio. Femmes, Genre, Histoire, p. 69-90, 2022.
- KALLESTRUP, Louise Nyholm. Women, Witches, and the Town Courts of Ribe: Ideas of the Gendered Witch in Early Modern Denmark. In: **Gender in Late Medieval and Early Modern Europe**. Londres: Routledge, 2013. p. 121-136.
- KEAN, Hilda. From skinned cats to angels in fur: Feline traces and the start of the cat-human relationship in Victorian England. **Cahiers victoriens et édouardiens**, n. 88 Automne, 2018.
- KETE, Kathleen. *The beast in the boudoir: Petkeeping in nineteenth-century Paris*. Univ of California Press, 1994.

- KEYSER, Linda Migl. *The Medieval Chastity Belt Unbuckled*. In: Misconceptions about the Middle Ages. Routledge, 2010. p. 264-272.
- KORS, Alan; PETERS, Edward (eds). *Witchcraft in Europe, 400-1700: A documentary history*. University of Pennsylvania Press, 2001
- LARUE, Renan. *Le Végétarisme des Lumières. L'abstinence de viande dans la France du xviii^e siècle-Est-il mal de tuer les bêtes?*. 2021.
- LEVI, Giovanni. Os perigos do geertzismo. *História Social*, n. 6, p. 137-146, 1999.
- LINZEY, Andrew. The French Contribution to Animal Ethics: Rene Descartes and Victor Hugo. *J. Animal L.*, v. 7, p. 105, 2011.
- LITTLE, Lester K. Plague historians in lab coats. *Past & Present*, v. 213, n. 1, p. 267-290, 2011.
- LONSDALE, Steven H. Attitudes Towards Animals in Ancient Greece1. *Greece & Rome*, v. 26, n. 2, p. 146-159, 1979.
- LUFF, Rosemary M; GARCÍA, M. Killing Cats in the Medieval Period. An unusual episode in the history of Cambridge, England. *Archacofauna*, v. 4, 1995. P. 93-114.
- MALGORA, S. et al. Investigation of the Trento cat mummy. *Journal of Biological Research-Bollettino della Società Italiana di Biologia Sperimentale*, v. 85, n. 1, 2012.
- MANNIX, Daniel P. *The history of torture*. eNet Press, 1964.
- MARTIN, Jeff M. et al. Integrated evidence-based extent of occurrence for North American bison (*Bison bison*) since 1500 CE and before. *Ecology*, v. 104, p. e3864, 2022.
- MATTHEWS, David. *Medievalism: A critical history*. Boydell & Brewer Ltd, 2015.
- MAUSS, Marcel. Esboço de uma teoria geral da magia. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 49-181.
- MEDVEDEV, G. *Школа Военного Собаководства ЦИИВС*. Disponível em: http://www.dog-shkola.ru/voen_dog.htm. Acesso em: 22 maio. 2023.
- MELIKAN, Rose. Shippers, salvors, and sovereigns: Competing interests in the medieval law of shipwreck. *The Journal of Legal History*, v. 11, n. 2, p. 163-182, 1990.
- MEME, Know Your. Nyan Cat. **Online unter:** <https://knowyourmeme.com/memes/nyan-cat> [15.10. 2018], 2018.
- MORENS, David M.; FOLKERS, Gregory K.; FAUCI, Anthony S. What is a pandemic?. *The Journal of infectious diseases*, v. 200, n. 7, p. 1018-1021, 2009.
- MURRAY, Jane K. et al. Number and ownership profiles of cats and dogs in the UK. *Veterinary Record*, v. 166, n. 6, p. 163-168, 2010.
- MYRICK, Jessica Gall. Emotion regulation, procrastination, and watching cat videos online: Who watches Internet cats, why, and to what effect?. *Computers in human behavior*, v. 52, p. 168-176, 2015.
- O'CONNOR, Terence P. "Pets and pests in Roman and medieval Britain." *Mammal Review* 22.2 (1992): 107-113.

- O'MEARA, Radha. Do cats know they rule YouTube? Surveillance and the pleasures of cat videos. *M/C Journal*, v. 17, n. 2, 2014.
- OSTOS, Natascha Stefania Carvalho de. União Internacional Protetora dos Animais de São Paulo: práticas, discursos e representações de uma entidade nas primeiras décadas do século XX. **Revista Brasileira de História**, v. 37, n. 75, p. 297-318, 2017.
- OTTONI, Claudio et al. The palaeogenetics of cat dispersal in the ancient world. *Nature Ecology & Evolution*, v. 1, n. 7, p. 1-7, 2017.
- PALMER, William. *The Law of Wreck, Considered with a View to Its Amendment*. 1843.
- PANCKOUCKE, Charles Louis Fleury. **Description de l'Egypte**. 1825.
- PARISH, Helen. "Paltrie vermin, cats, mise, toads, and weasils": witches, familiars, and human-animal interactions in the English witch trials. *Religions*, v. 10, n. 2, p. 134, 2019.
- POCARD, M. Origin of animal experimentation legislation in the 19th century. In: *Annales de chirurgie*. 1999. p. 627-631.
- PORCK, M. H. "Paws, Pee and Mice. Cats among Medieval Manuscripts." *Medieval Fragments* (2013).
- PRENTICE, Michael B; GILBERT, Tom; COOPER, Alan. Was the Black Death caused by Yersinia pestis?. **The Lancet Infectious Diseases** 4, no. 2 (2004): 72.
- PURKISS, Diane. **The witch in history: early modern and twentieth-century representations**. Londres: Routledge, 2003.
- PURKISS, Diane. Women's stories of witchcraft in early modern England: the house, the body, the child'. **New Perspectives on Witchcraft, Magic, and Demonology**, Londres, v. 6, p. 278-302, 2013.
- QUANDT, Karen F. Victor Hugo and the Politics of Ecopoetics. *French Ecocriticism*, 2017, p. 61.
- RICHARDIN, Pascale et al. Cats, crocodiles, cattle, and more: initial steps toward establishing a chronology of ancient Egyptian animal mummies. *Radiocarbon*, v. 59, n. 2, p. 595-607, 2017
- ROCHA, Igor T. C; GUERRA, Luiz F. A. A "revolução" de 64 e outros passados paralelos: dos negacionismos ao Deus Vult. *Linhas – UFRRJ*, 2021. Disponível em: https://linhas-ufrrj.org/2021/03/31/a-revolucao-de-64-e-outros-passados-paralelos-dos-negacionismos-ao-deus-vult/?fbclid=IwAR3FRCVeuQxFwT_JJQk_DYiDf5jRnYUhdBCQ_Q5M8hKi_wjIUgMX3Ngs-U. Acessado em 23 mai. 2023.
- ROPER, Lyndal et al. *Witch Craze: terror and fantasy in Baroque Germany*. Yale University Press, 2004.
- SARANDY, Andréa Barbosa Osório. Alguns aspectos simbólicos acerca do gato. *Ilha Revista de Antropologia*, v. 12, n. 1, 2, p. 233-259, 2010.
- SAX, Boria. The magic of animals: English witch trials in the perspective of folklore. *Anthrozoös*, v. 22, n. 4, 2009. pp. 317-332
- SCHULTZ, Marcos. A grande virada da Inquisição: heresias, tribunais e judeus na Península Ibérica-séculos XV-XVIII. *Revista Tempo de Conquista*, 2014.
- SERPELL, James A. "Domestication and history of the cat." *The domestic cat: The biology of its behaviour* 2 (2000): 180-192.

- SERPELL, James A. Domestication and history of the cat. The domestic cat: The biology of its behaviour, v. 2, p. 180-192, 2000.
- SHARPE, James. The Witch's Familiar in Elizabethan England. In: *Authority and consent in Tudor England*. Routledge, 2021. p. 219-232.
- SIMPSON, Frances. The book of the cat. Cassell, limited, 1903.
- SOFFER, Sarah; MATHERLY, Carter; STELMACK, Robert. Psychology as a Warfighting Domain. *Global Security & Intelligence Studies*, v. 5, n. 1, 2020.
- SPYROU, Maria A. et al. Historical Y. pestis genomes reveal the European Black Death as the source of ancient and modern plague pandemics. **Cell host & microbe**, v. 19, n. 6, p. 874-881, 2016.
- THOMAS, Keith. O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Cia. das Letras, 1988.
- TORREY, E. Fuller. The Rise of Cats and Madness: II. The Seventeenth and Eighteenth Centuries. *Parasites, Pussycats and Psychosis: The Unknown Dangers of Human Toxoplasmosis*, 2022. pp. 43-69.
- TREMP, Kathrin Utz. Von der Häresie zur Hexerei., Wirkliche “und imaginäre Sekten im Spätmittelalter. BoD—Books on Demand, 2008.
- UTZ, Richard. Medievalism: A manifesto. Arc Humanities Press, 2017.
- VALLEJO, Margarita Serna. Textos jurídicos marítimos medievales. Boletín Oficial del Estado, 2018.
- VANINSKAYA, Anna. Learning to read trash: Late-Victorian schools and the Penny Dreadful. In: **The History of Reading, Volume 2: Evidence from the British Isles, c. 1750–1950**. London: Palgrave Macmillan UK, 2011. p. 67-83.
- VARLIK, Nükhet. Why Is Black Death Black? European Gothic Imaginaries of ‘Oriental’ Plague. **Plague Image and Imagination from Medieval to Modern Times**, p. 11-35, 2021.
- WALKER-MEIKLE, Kathleen Fiona. *Late medieval pet keeping: Gender, status and emotions*. University of London, University College London (United Kingdom), 2008.
- WORKMAN, Miranda K.; HOFFMAN, Christy L. An evaluation of the role the Internet site Petfinder plays in cat adoptions. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v. 18, n. 4, p. 388-397, 2015.
- ZALOGA, Steven J. *The Red Army of the Great Patriotic War, 1941-45*. Osprey Publishing, 1989.
- ZERNER, Monique (Org.) Inventar a heresia? discursos polêmicos e poderes antes da Inquisição. 2011.
- МАЗОВЕР, А. П. Собаки в Великой Отечественной войне. Охота и охотничье хозяйство, п. 5, 1975.